

RENASSUNGA

FOLHA LITTERARIA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAIS

mezes. 2500
6 1850

REBOLGA-SE DUAS VECES POR MEZ

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres mezes. 18500
Por seis 2500

REDACTORES

Teixeira Mariano, Ayellar Ambrade, Athanásio de Almeida,
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

NO 1

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1878

NUM. 8

Expediente

nosso assinante, que ainda se encontra em débito com o mesmo, continuamos a favor de mandar subir a importo das suas assignaturas por cartas radas pelo correio.
rigimes que intitulam publicados não restituídos.

A época que atravessamos é de completa obediência na vida escolástica. As bancas de exames funcionam por toda a parte; a sciencia absorve-nos o tempo e a atenção.

Após esta ébullido far-se-há um silêncio de morte em torno das escolas. E aqueles edifícios onde há pouco tudo era vida e animação transformar-se-hão em uma solidão medonha.

As escolas desaparecem-se.

Cada um entrevê de longe o seu berço: temos saudades; a nostalgia nos invade o peito, — corremos pressurosos ao lar para desfrutarmos alegrias santas e puras como só se desfrutam no seio sempre sagrado e incôgo da família.

Com o numero de hoje, encerramos o ano de 1878.

Mas a nossa ausência da arena da imprensa é curta, muito curta. Antes mesmo de terminar o período escolar que atravessamos, voltaremos a ocupar o nosso modesto e obscuro lugar entre os batalhadores da imprensa.

Entre, muito breve, em Janeiro de 1879, estaremos de novo em nosso posto,

resolvidos não só a trabalhar sem tregua e sem descanso, mas ainda a dar um desenvolvimento mais amplo ao nosso actual programa.

Agradecendo o concurso benévolos e animadores que nos tem sido dispensado pelo público esperamos que este concurso não nos será retirado; ao contrário contamos com ele.

RENASENÇA

ao público em geral e nos nossos assinantes em particular que nos dirigem

Invocamos suspender temporariamente a publicação da Renascença, — e o cansaço que nos prostra; não é de siiva que nos amnópila; não desanimo que nos abate e apavora; — só: nada disto.

Entrosam os móveis que nos jorgem a dar esta deliberação.

FOLHETIM

En penso que o homem que não aprecia a variedade é um ente ruim, abor e sem gosto.

Quanto a mim amo-a sincera e ardenteamente.

Ela me distrai e delicia; e quanto basta.

Se me fosse possível erigir-lhe um altar, eu o erguiria.

Eis a razão, a única, por que saio hoje da demissão da grossa e apresento um folhetim em verso.

E verifique que não sou poeta.

Em meu criado não arde o fogo da inspiração, nem scintilla a chama sagrada da poesia, bens sólida apesar a lata vacuidade e libra do metrificador.

Mas que queréis?

Gosto da variedade.

E, demais, leitor, se sou exigente, se não podes suportar a leitura de versos amburvados de esti metrificador, podes adiante, passa depressa, se podes, se ses indulgentes, leia-as.

Eis o:

INGRATITDÃO

0 tu, que zelias no sofrer que põeis,
Que ris de amar e da saudade amena,
Tu, que escravas da constância e ocultas
No teu arcanjo e coração de hyena;

Tu, que nas aras da impureza queimais
Insisto e myrra a ingratidão que aterra,
Que dize: não sabes como foi gerado
Esse fantasma que pollue a terra?

Bem. Desse facto que arrepias as carnes
Eu vou fazer-te a narração tremenda...
Atende... atende sem pavor, sem medo.
Essa meloula e pavilosa lenda:

—Fui logo após a perdição do human...
Do crime no peso esmagador vergado,
Ei-lo culpado, forçado, e a esmo,
O parado a percorrer, coitado!

Ei-a, despidão da innocencia meiga,
Na recesso mais sombrio e umbroso.
Da luta, das flores, das ligeiras auras,
Cego de prisa a se esconder medroso.

E a serpe evita do trinângulo immenso...
Seu negro peito de prazer palpita!
Quando resgata na escuridão do espaço
A voz do Eterno a lhe brador: — a Multidão!

Tremo no castigo que te aguarda, tremo!
Está cabeca, que forjou tal crime,
Ba de esmagar-te no volvar dos seculos
Virgem modesta, divinal, sublime... —

E, se estorcendo e fulinando a serpe
Ante o fulgor da magestade eterna,
Santil resvala pela branca relva
E entra, fugindo, na imortal caverna.

Então do inferno nos profundos paços
Presa de inveja rancorosa, insana,
Satan vencido não se curva e triste
Inda uma vez a perdição humana.

Santos sentado n'um soberbo trono,
O pandemônium vingador preside:
Formão-se em torno os anúncios e tudo
Que nos abyssos infernares reside.

Estava a noite tenebrosa; os raios
No fundo negro d'amplo domínio corrão,

tarahybano, Imprensa Ituana, a Idéa, o Besouro, Papagaio e a Grinalda.

Muito agradecemos.

* Parahybana é o título da uma nova folha literária que começou-se a publicar na deslumbrante cidade de Juiz de Fora.

O primeiro número que temos presente, revela bastante inteligência da parte de seu redactor. Comprimentamos ao collega desejando-lhe longa e prospera vida, e enviamos a nossa modesta « Renaixença. »

Na distinta cidade de Diamantina apareceu com o título de « Norte de Minas » uma nova folha que publica-se duas vezes por mês; e em S. João d'El-Rei, « a Nápoles de Minas » começou-se a publicar o « Cinco de Janeiro. » O I. é orgão da Sociedade Recreto Beneficente de Diamantina, e o segundo é o gão do partido liberal em S. João d'El-Rei, ambos, porém redigidos por habeis penas.

Comprimentamos os collegas e agradecemos a oferta.

Do nosso amigo Oscar Satyro da Cunha Bittencourt, distinto segundo amíllo da Escola de Medicina, recebemos um trabalho científico tratando do esqueleto humano, que começaremos a dar publicidade no nosso próximo número.

LITERATURA

S. JOÃO D'EL-REI

E do insigne e conhecido escriptor nacional B. Guimarães a descrição da destina encantadora cidade mineira, a qual passamos a transcrever:

E desenho flammegantes riscos...
Credos, medonhos, os trovões bramão.

— « Filhos das trevas ! Satanás exclama, Fomos vencidos na gigante luta, Que contra a obra do Senhor movemos ! Esta derrota nos humilha e enlila !

Nós, que o poder da Creador oussamos, Anjos rebeldes arrestando outr' ora ; Nós, soberanos de um potente império Vedado a luz da resplendente aurora ;

Nós condenados no porvir a sermos, Sem dô, calcados pelos pés de barro De uma mulher ! oh, que vergonha ! opprobrio ! Nós atrevidos dos mortaes do carro !

Não ! não se zomba impunemente, amaca, Do poder de Senhor das trevas ! Tremo mortais de ambiás iras justas ! Tremo do mundo as miserandas Evas ! —

Surdo rumor, qual o bramir longínquo No matagal de desabrido velho, Percorre a turba e de Satan as faltas Abafa e cobre n'um veloz momento.

Segue-se logo supralor silencio. E a voz rouenga de Satan preciso,

« E bem linda a cidade do S. João El Rei — essa formosa odalisca, que abre as portas das magníficas regiões do Sul de Minas. Si a não conheces, leitor, pergunta à aquelles, que a tem visitado se não ficaram encantados com aquelle aspecto faceiro e risonhe, que sempre a reveste, e que dali-a a apparencia de noiva gentil que traz sempre na fronte a grinalda da festa nupcial, e nos labios o sorriso da alegria e do amor.

Reclinada pela fada de um serrate de pouca elevação chamado a Serra do Leiteiro, cujo dorso denegrido, arido e esburacado contrasta singularmente com a perspectiva risinha e vicejante da planície, parece travessa e risonha pastorinha, que pousada sobre a pelúcia verde de prado, com os braços abertos, e o sorriso nos labios, como que esta dizendo ao viandante fatigado :

— Vem à meu seio gozar do repouso e do prazer.

O ambiente tepido e voluptuoso, que a envolve, agitado de brumas viragens a baleja constantemente com os aromas da flor de laranjeira, da rosa, do jasmim, do jumbo, da mangeroma e de outras mil fragrâncias, que se exalam de seus innumeros jardins e pomares.

Esse pomares e jardins que se entrelam com as casas, como arabescos de esmeraldas, estão sempre tocados de dores e fructos, porque ali só se conhecem duas estações — a primavera e outono, que ali reinam todo o anno conjuntamente, na mais perfeita e inalterável harmonia.

E a terra dos fructos e das flores, dos perfumes e das canções, dos risos e das festas, da alegria e do amor.

E a Nápoles de Minas.

As rubras fauces das abysmas rubras Se escancaram. Reunião um grito... —

Grito de espanto, de pavor !... Eis surge Das prolações monstro informe, mortendo No inferno os filhos tecumos todos Ao seu aspecto ameaçador, trencado !

Mesmo Satan — o poderoso archanjo — Tremem e ri da bestezas da obra Que loi gerada no maldivo crânio ! E a turba acha e se pavor redozia.

— Anjos das trevas ! Satanás prossegue, Tremem, curvem-vos, entoai vitória... Eis amba filha — a ingrata filha — Dos meus domínios — a vergonha e a glória.

Filha, gerrei-te p'ra vingar-aos, salve ! E grande, e vasto o seu império, cheio... O mesmo inferno reina ao ver-te... Vem ; tona um beijo abrasador, paterno... —

E a filha inclina as bellondas faces, N'cas os labios de seu p'co roçarão. S'côs de logo substançoso beijo Por onde os labios internos passarão

— Sobre o planeta que se chama terra, Glória do interna, estremecida filha,

Um ribeiro, que de serras e que atravessa por baixo de duas lindas ; a embala com seus murmurinhos.

Deitada ao longo da faldas da param-lho brandamente a cada lado do sul, verdes e beleadas enquanto os pés estiram-se, cando pôa planura, formando resco arrabalde de Mattosinha casas alvejantadas em ondinas frondentes e vigorosas pomares.

Seguem-se à norte e a leste faixas de lizerias, no fundo das quais rolárias e caudaloso rio das m'ias distâncias de cerca de m'ias encurva em torno da cidade ponte colossal posta de guarda a escabellio, em que repousa a fiela dos paizes de ouro e do diamante nessa linda cidade hoje parir paz e alegria, prazeres e alegria.

Entretanto em eras mais remotos restringiram échos de morte, vingança, essa terra hoje tão tranquila já foi teatro de desafego de ferozes e magulhadores : já fumegou o sangue de tessas carniceiras por aí, onde a respiram auras embalsamadas d'umes dos laranjais, das mangueiras jambairos em flor.

S. João d'El-Rei, como todos os anteriores do centro de Minas sua descendente explorado nos tempos da sua posição geográfica, — como da porta ao sul às regiões foras, devia ser uma das primitivas a primaria, com que depa aquelles denodados atentadoreiros e marcha de sul para norte.

Aí foi o principal teatro do anismo violento da Inqua encaravada.

Lorre, avassala o coração do homem, Vae ; segue, segue a fulgurante trilha ! —

E o monstro as azas sacudindo galga As ferreas portas do trovoso estade. Ao mundo aperta ; os arraia assenta ; E, ergue o letoso pavilhão, — susa !

Estava a noite temerosa : os raios No fundo negro d'amplidão cortado, E desenho flammegantes riscos... Credos, medonhos, os trovões bramão,

II

Sonhara que tanto amei, porque é que corres No caminho do crime, desgraçado ? Oh ! para um só instante... pensa... e expelle Do triste coração tuo fraco, amedrado. A filha de Satan idolatrada.

Oh ! para um só instante... para e pensa. E a padroço, que alimentando encorios De mundo seu na ulcerada enxinha, De logo sacrosanto em ondas bandas ; Banda na luz dos sentimentos nobres.

S. J. P.

anos do século passado, e paulistas e forasteiros, tainou pelo horroroso o rticínio dos paulistas, or- onta Coutinho, agente do uento português Manuel

do tão tristemente celebre, río, que passa por perto de sinistro nome de — Rio das e lugar em Janeiro de 1709, porém, e dessavénias, que por maram luctas sanguinosas, já esle o anno de 1700, em que Sá — os, nomeado governador, chegou as Minas migo bandos de aventureiros de diferentes capitais, excitou o ciúme dos paulistas, qualidade de príncipes das Minas, se considerando direito exclusivo de começaram a votar odiosos aventureiros, que provar seus tressouros, e príncipes portugueses, que appelavam.

O INVERNO

Continuação

se approxima, o río aumenta, se os se entorpecem, e entretanto seu pulso violencia, elle não respira serião com vel causeira. Suas faces enraquecidas a abandonar; um sommo deade gradualmente todos os seus sentidos succumbe está perdido. Enfim um colmo reina ao redor delle. Os passares u mais os ares com os seus cantos, e os isavais, visinhos do nada, cujas enraizadas no espaço animavam a atmosfera o seu zumbido quasi insensível, e o mesmo tempo, de amor, de movimento de vida, desapareceram da creação. Agonia d'alma esse infeliz não se lamento para os longinquos objectos de suas alegrias, sua mulher, seus filhos, seu

nas imagens queridas vão se absorvendo, onde reina uma calma lugubre, interrompida pelo estalido sultão de oras cujo trocica, redendo aos rigores excessivo, separa-se e lende-se em dia mais assinala a natureza viva, o os dos animaes selvagens, dos lobos

temor da morte sustém e conserva elle invocou o criador do mundo, o céu atraç delle.

esperança e de alegria, elle beija desconhecidos a terra sagrada que no immensa.

onda-se. A direita uma opulenta ci- cicei nossas vidas, em sua presençia de uma vasta extensão, cuja super- que diaphana não reflecte mais o azul dos céus. Suas aguas fortemente

alegres patinadores, com o resto occulto sob uma mascara, as mãos envolvidas em umas es- pessas luvas, traço sobre a onda solia com figuras variadas. Alguem julgaria estar na praia pública de uma das primeiras capitais da Europa.

Os se encontrão passando e vacilão. Os espe- tadores prevêem uma quella proxima, porém o leigo patinador, firmando-se em um dos seus saltos fica um momento imovel escorrega e recupera com graca o equilibrio.

Mas longe, um cão não menos negligioso, vêem-se jovens e frescas beleiras, com os cabos presos em una toaca escura, a fronte coberta com um leigo tocado e vestidas com uma casquinha azulada, vermelha ou vinagenta, um pettico mais branco que a neve assignata seu porte desembargado e delicado. Seu braço esquerdo está repondo nas cadeiras enquanto o direito sustem, fazendo em arco um brilhante pote com leite posto sobre a cabeça, que um raio de sol faz parecer tão brilhante como o mais puro ouro. Ajudadas pelos rápidos patinadores, elles deslizam-se sobre o encarregado gelo e ganham em menos de uma hora o espaço de muitas milhas.

Perem 6 céos ! vejo sobre as aguas geladas de Wolga uma elegante sela, pachada por una rém cujos pés leigos não cederão ate ao mais novo cervo de nessas florestas, vira com a rapidez de uma flecha sobre a superficie perfida do río. Uma mãe, sua filha, beleza que apenas conta 16 primaveras seu jovem espaco ocupão esta terrestre banquinha. O desespero ! ó morte ! o gelo distinuindo estala, parte-se separa-se, e o río funesto absolve em seu seio avaro os amados tressouros da natureza e do amor.

Um só instante, um relampago bastam a alma desses tres infelizes seguir para as regiões celestes. O grito de horror e suor que assinala a triplice morte ! Ah ! ao menos morrerão juntas.

C. POUJENS.

PARTES SCIENTIFICA

A RENASCENÇA. OS ARTISTAS

1

Os inventores do XVI seculo constituiram a scienzia universal, sendo em seus desenvolvimentos infinitos ao menos em seu germen e base. — E este o verdadeiro catholicismo, e não conhecido outro. Spinoza, Leibnitz tiveram o profundo e generoso sentimento dessa religião da scienzia, da verdade e da humanidade, no seio da qual se abysmarão para sempre as comendas dogmáticas e misticas. Foram elles os prophetas da nova aliança, não d'um só povo com Jehovah, mas de todos os povos com a justiça.

Era isso, sem duvida, Pic de la Mirandelle quando buscava, com infatigável ardor a unidade essencial das tradições genero humana do através de todos os veus que a occultam aos olhos da humanidade; e então se esforçava por conciliar o christianismo e a antiguidade, Pla- tao e Aristoteles, os juizes, os gregos, os christãos, os árabes e todos os sabios a- pro, explicando-os, uns pelos associados

outros, e completando-os com uma har- monia geral da Philosophia.

O que liberam pela scienzia os grandes inventores, também pela belesa tem sido feito pelos grandes artistas. E como a scienzia, a Belesa e a Philosophia são eternas, segue-se que as artes não podendo deixar de figurar no painel dos progressos do espírito humano.

II

Antes de começar o estudo das obras primas do XVI seculo, cumpre apresentar algumas reflexões sobre a arte considerada em sua essencia e em suas transformações successivas.

Todas as theorias sobre a arte podem se reduzir a duas principaes, à que damos hoje novos nomes (porque estamos capacitado de que basta uma só palavra para fazer reviver o passado) porém, que são tão velhas como o globo terráqueo — Uma chama-se espiritualismo, outra sensualismo. Uma serve para personificar a alma, fazê-la transparecer no exterior e graval-a sobre a pedra, o mármore, ou madeira. A outra contenta-se em reproduzir a natureza exterior. Socrates disse: « O estatuario esprime, pelas formas as ações da alma ».

Platão: « O bello é o esplendor do verdadeiro. O que é divino é o bello, o verdadeiro, o bom e tudo o que a isto se assemelha ».

Os sophistas gregos, porém, disem: « O bello é o util, e confortavel, as riquezas, (as horas, uma vida feliz). E ainda mais a « Arte é a forma ».

E eu, por minha vez, se ouso introduzir-me, tremulo, na companhia augusta dos pensadores e dos poetas, vos pergunto « Qual é o fim da arte? Com a antiguidade inteira vos respondereis: A belesa ».

Acordo vossa definição, e ainda vos pergunto: « Onde existe a belesa? Numa flor, raio ou sorriso? Sem dúvida, ella está em todas as coisas, porém entre tanto, ella ali é incompetente, visto que é móvel, fugitiva, perecível, corruptível e ephemera! Si encontrassemos uma flor que não fenescesse, um raio que nunca se extinguisse, um sorriso que jamais se mudasse em lagrimas; não encontrariamos então uma belesa infinita, verdadeira imutável e eterna? Pois bem, essa belesa que se comunica sem diminuir e sem se esgotar, esse esplendor sublime e soberano, essa aurora invariável, sem nascente nem poente, esse astro sempre vivo e scintilante, que é mais senão a imagem da perfeição e a nós mesmos pintamos? Em outras, a idéia sob a qual nós nos rímos, a idéia sob o eterno, o absoluto? Não é preciso mais. O idéia que devo passar ás

olhos do artista! Pois a belesa só elle a executa e a laura de Gal

D'ahi brotão duas consequencias: 1.º A imortalidade da arte, eterna como a natureza. Existia antes do homem. O primeiro poema é o mundo. Os cantos d'esta epopeia são os vulcões, os oceanos sem bordas, os ventos, as tormentas, as tempestades sonoras e as myriadas das scintilantes estrelas.

O grande Homero invisível escreveu esta synthese do infinito.

Quereis saber quando começou a pintura? No dia em que sobre os montes e o mar despontou a primeira aurora, e os esplendores purpúrios do ocidente descambarão ao pôr do sol.

A architettura e a escultura respiraram nas arcadas das florestas, no perfil das montanhas e na forma arrebatada ou risentha dos arcos e dos rochedos.

A musica? Ide ouvir o murmurio das vagas, o ceciar matutino da brisa de maio, a canção das toutinegras, o grito das aguas, o queixume das aguas, o zumbir dos insectos, e o buñido da folhagem.

A criação é, ao mesmo tempo, pintura, estatuaria, architettura e symphoniza. Cetim Raphael, Miguel An- gelo, Brunelleschi e Beethoven.

2.º Assim como os dogmas são os alvos a que se precipita a alma dos povos, a bigorna sobre que se prepara a espada da justiça e a cadeia do servilismo; também o ideal religioso é o que domina inspira e dirige as artes.

Dize-me seu Deus, que eu te direi seu poema.

Segundo a palavra abalizada de Spinoza: «A humanidade está envolvida no eterno»; Lamennais ajunta: «Em cada um de seus ramos, a arte não é mais que a forma exterior das ideias, a expressão do dogma religioso e do princípio social dominante em certas épocas».

Com efeito, a India pantheista, produziu epopeias immensas, onde todos os ruidos da criação se contundem em uma harmonia grandiosa, onde a genealogia das plantas, das perecas, dos passaros e das flores - e mistura com a dos heróes e dos deuses.

Ela se compõe em uma architettura vegetal, luxuriante e frondosa donde se ausenta a imagem do homem.

O Egypcio imóvel e sacerdotal dominado, inspirado pela religião da morte, engendra as pyramides, onde dormem para sempre as dinastias de seus reis.

A Grecia, ao contrario, divinizando a beleza, vê desabrocharem radianças maravilhosas da estatuaria.

que não conheceu outra religião do seu esplendor e que só viva a politica, cobriu os mentos civis; amphíteatros, teatros, vias ap- os.

a Grecia, na nas altas da oração; direiros

anonymos, que edificaram as igrejas de Reims, Saint-Quentin, Chartres, Abbeville, Strasbourg, Cologne, Saint-Riquier, Beauvais, Nôtre-Dame de Paris.

A. NEVES.

(Continua).

POESIAS

VOZES DE AHAVERUS

Este mundo é-me um deserto,
Por onde um vulcão passou
E gravado a minha história
Em traços negros deixou,

LARINHO B.

Seu Ahaiverus - o preceito,
O Judeu da tradição,
Tenho por pátria o infinito
Por amor a vastidão!

O meu marido denegrido
Das idades pelo pó
Em cílio convertido
Envolve martyrio só!

Como Cain, no horizonte,
No seio da criação,
Tenho estampado na fronte
O sello da maldição.

Minha dor ninguém partilha
Té o vento a sibilar
Diz-me: - segue a tua trilha
- Avante! responde o mar.

A tempestade passando
Por meus ouvidos - atroz,
Maldito! diz reburdo.
E eu tremo ao som d'essa voz.

Mais que o verme, que palpita
No putrido lodaçal
E ao homem desprezo incita,
Sou desprezo universal!

Embalde te envio um grito
D'aqui, d'aílem, d'acola,
E no céu meus olhos fito...
Mas não houves Jehovah!

Da vez do dia os meus olhos
O brilho fere com dor!
Na vida só ha escolhos...
Já basta de luz Senhor!

Arremeca-me fremente
Do cobre do alcantil;
Entrega-me impetuante
A cerbera perigil.

Talvez tenha polvoroso
Longe do mundo faiáz,
Tecto - abrigo solacoso
No imperio de Satanaz!

AVILA C

MISCELLAN

Certo advogado quis fazer um conselho que derá a com quem pretendia casar. Se ella de semelhante exorbitante ele, fazer-vos conhecimento a minha profissão, e soubesseis quanto valho!...

Em Babylonia tinha lugar anual de raparigas solteiras. A em certo dia do anno, a junta seus respectivos díz a nita era a primeira que o tel gravava, e o sujeito que mais oferecia era o que a levar as imediatas em beleza, e dores recebiam esposas, mas *aprendendo* na proporção d menor força de suas bolas todas as bonitas se achavam mais feias e desformes entrav e o *leitor* as oferecia menos dinheiro aceitavam por este modo as somosas rebenitas serviam de dote as h

ECONOMIA-POLITICA

O trabalho é uma propriedade.

O proletario vive des proprietario industria, assim como o proprietario das rendas de seu campo.

Um sem outro é um corpo sem

O proletario e o proprietario, deus sexos do mundo social.

Sóis nada podem produzir.

A sua uniao faz a virinde.

Privar o proprietario do trabalho que delle espera é roubalo como se rouba ao proprietario o seu a sua farinha.

Não ha rico nem pobre. Ha duas classes passageiras da vida.

Um vezez faz um pobre: um ollum rico. O casamento ou a morte todas as condições.

A igualdade nasce da corage

CHARADA

2-2 Este animal no mato gorg.

2-2 Logo é fatura este homem

2-1 Este milagroso alimento som amphibio.

2-3 Gracejo fazendo mofaria.

Decifrações das do numero pa Salvador Rosa, Helena, Canarim rido.